

**A AUTOBIOGRAFIA DE
FIDELCASTRO**

NORBERTO FUENTES
A AUTOBIOGRAFIA DE
FIDELCASTRO

TRADUÇÃO
LUIS REYES GIL



Copyright © Norberto Fuentes, 2016
Tradução para a língua portuguesa © 2017, Casa da Palavra/LeYa, Luis Reyes Gil
Título original: *La autobiografía de Fidel Castro*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e do autor.

Preparação: Alvanísio Damasceno

Revisão: Bárbara Anaissi, Maria Clara Antonio Jeronimo e Guilherme Bernardo

Diagramação: Filigrana

Capa e projeto gráfico: Leandro Dittz

Foto da capa: Yousuf Karsh, Camera Press London

Fotos do miolo: página 17 – Leffler, Warren K., Fidel Castro, presidente de Cuba, numa reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas. 22 de setembro de 1960. Imagem recuperada da Biblioteca do Congresso (EUA); página 301 – Fidel Castro chega ao MATS Terminal, Washington, D.C. 1959. Imagem recuperada da Biblioteca do Congresso (EUA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fuentes, Norberto

A autobiografia de Fidel Castro / Norberto Fuentes ; tradução de Luis Reyes Gil. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
624 p.

ISBN 978-85-441-0511-5

Título original: *La Autobiografía de Fidel Castro*

1. Castro, Fidel, 1926-2016 - Biografia 2. Chefes de Estado – Cuba – Ficção I.
Título II. Gil, Luis Reyes

17-0347

CDD 972.91064092

Índices para catálogo sistemático:
1. Castro, Fidel, 1926-2016 - Biografia

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

*O que a imaginação é para o poeta, os fatos são
para o historiador. Seu critério é exercido
na seleção desses fatos; sua arte, em organizá-los.*

– Barbara Tuchman

SUMÁRIO

Nota a esta edição	11
Desagrego, logo escrevo	13

LIVRO I

○ PARAÍSO DOS OUTROS

PARTE UM	A AVENTURA DE SER QUEM SE É	21
	1. Os furacões de agosto	23
	2. Aposentos na grama	39
	3. A sólida intransparência das paredes	61
PARTE DOIS	○ PASSADO DE UM HOMEM SEM PASSADO	79
	4. Ninguém morre na véspera	81
	5. O Estado e a Revolução	103
	6. A cesta de minhas serpentes	127
	7. Uma organização militar com um bom aparato de propaganda	151
PARTE TRÊS	ÍNTIMO COMO CRISTO	175
	8. O poder, antes de virar poder	177
	9. Havana pela última vez	203
	10. Os bosques se mexem	225
	11. Assim foi temperado o aço	237
	12. Os nômades e a noite	255
	13. A República e sua capital são minhas botas	285

LIVRO II

○ PODER ABSOLUTO E INSUFICIENTE

PARTE QUATRO	UM HOMEM SOZINHO PODE TUDO	305
	14. Meu Estado, a Revolução	307
	15. A República no patíbulo	329
	16. Um ruído de praça sitiada	353
	17. O contubérnio sagrado	377
PARTE CINCO	O PODER É PARA SER USADO	407
	18. Quão órfã é a derrota?	409
	19. O império na primavera	439
	20. O dia anterior	475
	21. A parte visível de Deus	493
PARTE SEIS	COMO O GUIA DA HORDA	529
	22. Uma marcha no deserto	531
	23. A chave está em Dallas	551
	24. A noite inteira ouvindo pássaros voando	565
PARTE SETE	QUANDO ESTA GUERRA ACABAR	589
	25. Cai a noite em La Plata Alta	591
	26. Sobre a ressurreição	603
	Cronologia de Fidel Alejandro Castro Ruz	607
	Notas	615
	Agradecimentos	623

Meu nome é teu sangue

NOTA A ESTA EDIÇÃO

O plano original – esperar até o último suspiro, ou pelo menos até me encontrar perto dele – para permitir a publicação destas memórias demonstrou ser uma pretensão sem fundamento. Já faz alguns anos que foram impressos os dois volumes da primeira versão desta obra. Valeram mais os apelos dos editores e da minha própria ansiedade em me ver competir num terreno totalmente novo: o do mercado editorial. As 869 mil palavras investidas nos dois volumes, que encheram mais de 2.500 páginas, ainda me assustam quando as contemplo em sua sólida presença livresca sobre a mesa. Disse há pouco que tinha gastado toneladas de papel e toneladas de sons – com a permissão da expressão simbólica – em declarações, discursos, informes, reuniões, entrevistas e em qualquer outra forma, se tal existisse, do uso da palavra.¹

Pois bem, um expoente genuíno da declaração encontra-se justamente nesses dois volumes. Não chegam à tonelada, mas alcançam em conjunto um peso líquido de aproximadamente três quilos (um quilo, o primeiro; dois quilos, o segundo). No entanto, o que é motivo de orgulho para um autor que estreia suas armas não deve afastá-lo da exigência principal de seu impulso. Ele escreve para alguém. E no meu caso, lógico, não há outro leitor em foco que não seja um combatente revolucionário. É esse leitor que deve se servir de minha experiência vital e de qualquer outro conhecimento que se possa depreender de minhas lembranças. Por isso, a edição anterior de *A autobiografia*, cujas capas medem, ambas, 23 centímetros de altura por 15 centímetros de largura, com lombadas de 4,5 centímetros no primeiro e 7 centímetros no segundo volume, mostra-se de algum modo inadequada para a luta. Os livros revolucionários não podem ser obras de gabinete, nem

devem descansar sobre uma estante de leitura esperando serem lidos. Que seja fácil se desfazer deles em caso de batida policial, que caibam no bolso do uniforme de campanha e que não pesem na mochila são ideais compreensíveis da literatura revolucionária. Agora entendo que minhas memórias se tornaram excessivas para a lida da Revolução. E os senhores não têm ideia do que ainda me ficou no tinteiro!

Dando como certo, pois, que as revoluções necessitam de veículos leves de comunicação é que trabalhei a presente versão de meu livro. Com sua nova grossura, inclusive, seria possível imprimir uma edição de bolso, o que permitiria sua manipulação confortável, sem incômodos, e até que coubesse numa sacolinha, junto com o fumo, as munições e as rações secas.

No entanto, nada se perdeu. O material de referência e primordialmente “histórico”, que ocupava muitas páginas na primeira versão, será mantido em seu lugar natural de conservação: nas bibliotecas. E lá poderá ser consultado pelos especialistas ou interessados.

Eu era um homem saudável quando terminei aqueles livros. Não havia renunciado a nenhum de meus cargos, e a aposentadoria era uma ideia muito remota, se não impossível. O vigor com que escrevi é evidente. Escrever, então, não deixava de ser um desafio. Qualquer palavra minha podia colocar em risco até a própria estabilidade do país. Não é o caso atual, de um homem que muito bem pode estar agonizando e que se sabe isolado num quarto de hospital, com um pátio cercado no fundo. Fidel Castro é o último prisioneiro de Fidel Castro. Não me iludo. Conheço muito bem os sinais para saber do que se trata. E sei com exatidão onde me encontro. Estou no corredor da morte. Mas a tarefa foi preservar meu livro. E isso é tudo o que importa.

Agora descubro a data no calendário de meu relógio de pulso – a que terei de colocar no pé desta nota –, e que não deixa de chamar minha atenção. Devo me amedrontar, alarmar-me? Eu, que conheço os arbitrários poderes do acaso? Há 2.052 anos, num dia como hoje, em Roma, assassinaram César. Nos idos de março do ano 44 a.C. Pobre senador romano sem seu devido serviço de escolta. Deu-se de presente.



Fidel Castro Ruz
15 de março de 2008
às 16h17

DESAGREGO, LOGO ESCREVO

Memórias, a esta altura...?

Descobri uma coisa ao escrever este livro. Que o passado não é propriedade de ninguém, pelo menos enquanto não for escrito. Outra descoberta: que a Revolução é uma incansável produtora de passado. E mais uma: que, até certo ponto de sua história, a Revolução não suporta um exame detalhado. Esse ponto pode ser o momento em que todos os seus protagonistas morreram. Enquanto ele não chega, a história da Revolução e de seus homens fica nas mãos de seus inimigos – os que escaparam – e dos fragmentos de informação que eles conseguiram obter.

A Random House, a Simon & Schuster, a Giangiacomo Feltrinelli e quase todas as editoras e editores do mundo me perseguiram durante anos sem descanso para que eu fizesse um livro como este. Fiquei “toureando-os” – como se diz quando protelamos algo indefinidamente – durante esse tempo. As razões que expus acima tampouco conseguiram me mobilizar. Resisti à ideia, em certa medida, pelo inevitável custo político que acarretaria. No entanto, se agora decido fazê-lo, é por puro tédio. Por não ter nada de novo para fazer. Já ouviram falar da solidão do poder? Isso não existe. Nunca houve alguém mais acompanhado do que eu. E o que o poder me propiciou em excesso foi companhia. Para onde quer que eu vá, normalmente é como o movimento de uma manada. Do alto de meu 1,88 metro, costumo olhar à minha volta ao avançar em direção à porta de algum edifício, que é a única coisa que faço ao sair dos automóveis. E o que sempre vejo são os círculos dos que me acompanham; é como estar no picadeiro de um circo de cidadezinha do interior que se desloca junto com o

passo de alguém. Mas, sem dúvida, é um tédio. Me dá um cansaço mortal. Escrever transforma-se, então, numa aventura inesperada. Minha quinta descoberta. Escrever. A literatura, dizem, é filha do rancor, quando não da derrota. Sem rancor ou derrota não teríamos hoje muitas páginas imprescindíveis da cultura universal, e até mesmo, oh, ignomínia!, algumas páginas que são filhas do triste choramingar atrás dos poderosos para que voltem a nos dar emprego – como é o caso com que nos assedia Nicolau Maquiavel há cinco séculos. Sempre existe uma situação de ostracismo ou de lista negra. Não é a minha. Escrevo a partir do poder absoluto. A partir da realização total.

Eu me proponho agora a terminar este projeto sob as minhas condições. Explico. Não existe a autobiografia perfeita, pois nenhum autor colocou seu ponto final numa obra dessa magnitude em uníssono com sua morte. Sempre resta um sedimento de extrema importância, que é o último suspiro, fora de toda pretensão de interpretá-lo, só para conhecimento pessoal, quando vemos aquela luz no fim do túnel e tentamos nos erguer, e percebemos, nesse exato momento, que tudo terminou. O projeto consiste em ver publicadas estas páginas no pleno usufruto do poder. Será desencadeado o mecanismo habitual. Chamarei, por meio de meus canais secretos de amigos e oficiais de inteligência de toda confiança – que respondem apenas às minhas requisições –, os principais editores do mundo e diremos a eles: “Aqui está o material.” Mas quero fazer isso de modo muito exato. Explico. Preciso colher esses sinais do tempo. Para que não fique como um gesto de covardia – exatamente o oposto do que procuro – e me refugie na segurança da morte antes da publicação. Não me levem a mal, mas quero desfrutar disso. Combinei – com um amigo muito próximo – que o livro deve ser publicado algumas semanas ou qualquer intervalo de tempo prudente antes que eu tenha que dizer adeus a este mundo (isto é, quando eu avaliar que me resta uma semana de presença vital, ou pelo menos de lucidez), para poder saber como foi a acolhida. Faço isso em função de meus cálculos extraterrenos. Muitas vezes já disse que o juízo válido a meu respeito deve ser emitido daqui a mil anos. Seja qual for o veredito, o presente livro deverá exercer uma influência decisiva nele, no meu juízo final.

UMA NOTA SOBRE O MÉTODO

Não é nenhum segredo. O leitor sabe que disponho da mais extensa coleção de documentos e papéis para escrever estas memórias. Uma documentação que foi justamente o sustentáculo do meu Estado. Serviu-me para governar e para decidir, em muitas ocasiões em escala global, alguns dos meus assuntos, pois, para as minhas relações, foi essencial não apenas estar informado, mas ter atualizados e inventariados os favores que foram feitos e os que me são devidos. Mas não vou repetir aquela manobra de chantagem que nos quis impor o financista e prevaricador Robert Vesco – que cumpre longa sentença no nosso sistema penitenciário –, quando solicitou ajuda para publicar uma sequência de dois livros: um com retratos de seus antigos associados e clientes, apresentados com nomes imaginários, mas salpicados de uma ou outra informação reveladora, e outro com os nomes verdadeiros e a mais descarada informação sobre aqueles que não tivessem respondido ao primeiro esvaziando seus bolsos. Trata-se simplesmente de que quero bater primeiro. A grande quantidade de informação existente, que sobreviverá e que – imagino – em alguma hora virá à tona, como ocorreu com os tchecos ou os alemães quando assaltaram as sedes de seus respectivos serviços especiais ou abriram os arquivos dos comitês centrais, não me assusta. Também não dou grande importância a isso, porque dificilmente vai me atingir. Em vida, não me encontro no raio de ação de nenhuma chantagem. Além disso, no lugar em que estarei, nada vai me preocupar. Mas ajo para honrar os pactos com meus herdeiros, e principalmente com Dalia, minha companheira, e com aqueles que os protegerão. Quanto às minhas atribuições, decidi fazer uso cuidadoso e racionado dessa enorme documentação que está armazenada no Ministério do Interior e em alguns departamentos do Comitê Central do Partido. Nessa tarefa de escritor a que me impus, tento desemaranhar os mecanismos de minhas próprias ações – as mais conhecidas delas – da maneira mais honesta possível. E, já que estou no círculo dos autores de memórias, não quero abusar de uma documentação que talvez se revele mais importante para o uso dos historiadores da Revolução. E se, de qualquer modo, vão falar de mim – um mim que já estará numa situação em que se é absolutamente imperceptível – e me golpear como quiserem, para que complicar minha vida atirando pedras para o céu? Por isso, e como quero também competir em igualdade de condições, como se estivesse num concurso de pesca ou numa quadra de basquete, eu me conformo com esse

método simples de trabalhar a partir de minha memória, a verdadeira, e num momento em que, confesso, ela já não tem a agudeza de outros tempos, o que me equipara melhor para a tarefa, porque, sem querer ofender, essa falta de agudeza me coloca num nível perfeitamente humano, e fazendo uso em pouquíssimos casos do acúmulo de expedientes que conservamos em nossas dependências.